



Portugal: pátria e poesia

Elisabete Carvalho Peiruque*

Resumo: O texto aborda a obra de dois poetas portugueses do século XX, Miguel Torga e Sophia Andersen, para quem identificar-se com Portugal durante a ditadura significou denunciar a miséria e a repressão política.

Abstract: The text approaches the work of two twentieth-century Portuguese poets – Miguel Torga and Sophia Andersen, who identified with Portugal by denouncing poverty and political repression during dictatorship.

Palavras-chave: Portugal; poesia; Torga; Sophia.

Keywords: Portugal; poetry; Torga; Sophia.

Definindo a essência da poesia, diz o grande poeta mexicano Octavio Paz que “o poético é poesia em estado amorfo e o poema é poesia que se ergue”. Para ele, “o poema é o veículo pelo qual a poesia é emitida” (PAZ, 1982, p. 17). Poeta dos nossos dias, sua poesia está entre aquilo que se chama poesia moderna marcada pela ruptura que se efetivou no conceito de poesia a partir de Baudelaire. O ‘eu’ lírico não é mais, necessariamente, aquele que se expressa frente ao mundo de forma direta, mas, sim, aparece nas escolhas lexicais do poeta que passa a falar em nome de um ‘nós’ lírico. Salete Almeida Cara sintetiza a idéia dizendo que o eu lírico é o que amarra tais escolhas (1986). Baudelaire falava na “intencionada impessoalidade de minhas poesias” (cf. FRIEDRICH, 1991, p. 37). Fernando Pessoa é quem levará a teoria baudeleriana ao seu extremo com o cultivo da despersonalização.

A leitura de *Mensagem* de Fernando Pessoa, apenas para exemplificar, não deixa aparecer o sujeito Pessoa ao falar do passado português. Ele representa a voz dos portugueses, ou de alguns, pelo menos. A menção ao genial poeta remete para outros poetas portugueses que, grandes também, igualmente falam de Portugal, ainda que noutro contexto e de outra maneira. Os *Poemas Ibéricos* de Miguel Torga retomam muitas das figuras exaltadas por Pessoa, porém com uma linguagem própria. Contudo, há o Torga de outros poemas em que se refere ao seu país sem que o nomeie, o que os torna universais. E nesta linha estão também alguns poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen.

* Elisabete Carvalho Peiruque é professora adjunta do Instituto de Letras da UFRGS. Possui diversos artigos publicados, sobretudo, na área de Literatura Portuguesa.

A poesia desses dois poetas é representativa de uma dupla relação identitária, na medida em que seus poemas falam, ainda que metaforicamente, do Portugal onde vivem, e assim, como poetas, constituem elementos formadores da identidade cultural portuguesa. Contudo, em vez de uma poesia laudatória, Miguel Torga e Sophia, paradoxalmente, falam de um Portugal em negativo, o Portugal da ditadura, já que sua poesia mostra que não aceitam a miséria e a repressão política, essa, de certa forma, encobrindo aquela, de vez que falar nas questões sociais era considerado indício de tendências comunistas. Sua obra poética dá voz àqueles milhares que se opuseram ao regime do Estado Novo, clamando por justiça e por liberdade.

Em data posterior à obra dos poetas em foco, José Mattoso, discutindo a questão da identidade portuguesa, observou que foi preciso que chegassem os novos tempos da democracia para que o passado fosse aceito em todas as suas dimensões — negativas e positivas —, em contraposição a um estático passado glorioso, cultuado pela memória portuguesa (2001, p. 102). No presente de sua obra, Torga acusa a miséria do camponês das zonas pobres, esquecidas pelo governo, e Sophia denuncia com a força de sua palavra poética a violência do aparelho repressor do Estado Novo.

Poetas que são, e poetas dentro de uma concepção poética que é expressão da modernidade, seus poemas são marcados por palavras fortes que dão a medida daquilo que querem tornar pensamento e sentimento partilhado. Edgar Morin, num belo ensaio sobre a poesia, concebe-a como representação de um estado que ele diz ser o estado poético em oposição a um estado prosaico. Linguagens diferentes as dos dois estados, elas “podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas” (MORIN, 1999, p. 35). Ao estado poético — que Morin vê como o que deve ser resgatado em nome da humanização (p. 43) — chama de estado de vidência, lembrando Rimbaud (p. 36). O que de alguma forma sugere a conhecida frase de Pound sobre os poetas, vistos como “antenas da raça”. A imagem de antena, instrumento que capta algo em primeiro lugar, permite pensar naquele que vê além, mais vidente do que simplesmente alguém que vê com os olhos reais. Em Torga e Sophia, o pensar sobre a pátria envilecida carrega a sensibilidade de quem tem ligações afetivas com o seu país verdadeiro — não o que é visto, presenciado — e quer cantar seu sentimento de modo a que encontre eco nos corações e mentes amortecidos, amordaçados.

Quando se lê o poema “Data” de Sophia, tem-se a impessoalidade mesclada ao subjetivo, já que a sensibilidade da poeta, expressando a de outros, fala de uma realidade que todos vivem naquele momento:

Tempo de solidão e de incerteza

Tempo de medo e tempo de traição
 Tempo de injustiça e de vileza
 Tempo de negação (ANDRESEN, 1975).

A anáfora, marcando o tempo, a data que não pode ser esquecida para que não venha a se repetir, é seguida ao longo das três estrofes de vocábulos de conotação negativa. O ‘eu’ que manipula a escolha de tais vocábulos para pintar o tempo de dor configura o que Hugo Friedrich nomeia de “dramaticidade agressiva”, própria do poetar moderno (Cf. FRIEDRICH, 1991, p. 17). E acrescenta sobre a poesia que “ela prescinde da humanidade no sentido tradicional, da ‘experiência vivida’ e até mesmo do eu pessoal do artista. [...] Isto não exclui que tal poesia nasça da magia da alma e a desperte” (p. 16). Sophia fala de uma realidade que é de todos que a vivem dolorosamente mas é a sua também, num processo que Friedrich chama de “interioridade neutra em vez de sentimento” (p. 29). Talvez fosse mais adequado dizer sentimentalismo, já que não se pode negar que quem está por trás desta escolha não só de palavras mas do modo de organizá-las sente dramaticamente a realidade.

A despersonalização pregada por Baudelaire não vê mais unidade entre a palavra poética e o sujeito-poeta (FRIEDRICH, 1991, p. 36). Lembre-se Fernando Pessoa ‘explicando’ seus heterônimos. Dizia ele que as palavras dos vários poetas que ele era não deviam ser tomadas como expressão de seu pensamento ou sentimento, e aqui se referia ao sujeito chamado Fernando Pessoa. A despersonalização permite ver um ‘nós’ e o poeta como seu porta-voz. O ‘nós’ lírico representado na voz da poeta portuguesa está bem evidente no pequeno poema intitulado *Exílio*.

Quando a pátria que temos não a temos
 Perdida por silêncio e por renúncia
 Até a voz do mar se torna exílio
 E a luz que nos rodeia é como grades
 (ANDRESEN, 1975).

A referência ao mar como espaço aberto e que significou a extensão do território português deixa clara a identificação da pátria de que ela fala sem nomear. O silêncio que ‘perde’ essa pátria conota a repressão e remete para a não identificação com este Portugal que “não temos”.

No poema intitulado com o sugestivo nome *Pátria*, Sophia refere-se mais uma vez ao amordaçamento com o qual não concorda, porque não reconhece nesta miséria espiritual a nação de seu afeto.

Pelos rostos de silêncio e de paciência
 Que a miséria longamente desenhou
 Rente aos ossos com toda a exactidão
 Dum longo relatório irrecusável
 (ANDRESEN, 1975)

A impessoalidade, ou seja, este ‘quase’ descritivismo feito de metáforas altamente sugestivas, mescla-se a um ‘eu’ que emerge, como que impossibilitado de manter-se no anonimato. A poeta representa a fusão dos dois estados de que fala Edgar Morin. “O’ minha pátria e meu centro” grita a voz poética em nome de quantos dizem o mesmo em outras palavras: ‘Onde está o meu Portugal, aquele que sinto como meu?’

Sophia menciona claramente uma fome real, a daqueles que não podem reclamar, quando fala em rostos marcados pela miséria, uma miséria que aparece “rente aos ossos”.

E esta é a voz de Torga a falar dos milhares de miseráveis que mal sobrevivem na terra madrastra. Na verdade este é o seu grito, em nome dos que são esquecidos. Friedrich menciona a concepção da poesia em vigor até o início do século XIX: “[Ela] achava-se no âmbito de ressonância da sociedade, era esperada como um quadro idealizante de assuntos ou situações costumeiras, como um conforto salutar também na representação do demoníaco” (FRIEDRICH, 1991, p. 20). A poesia de Torga, como a de Sophia, inquieta. Ele não faz concessões, desidealiza a vida dos que lutam para sobreviver a cada dia. Suas metáforas duras não têm nada de reconfortantes, e não é isto que ele quer. Como Baudelaire frente às misérias da cidade nas quais ele via uma beleza diferente, Torga poetiza o que aparentemente seria destituído de poesia. Os homens que cavam a terra “como possessos” e que “fazem vinho do pranto” aparecem, por meio das palavras, desumanizados pelo trabalho que lhes tira as forças e não lhes dá o suficiente para restituí-las.

Mas à noite eram regressos
Com frutos magros e poucos.
(TORGA, 1952)

A injustiça, denunciada por Sophia, em Torga se mostra ao nível das necessidades mais elementares insatisfeitas porque “a terra natural já não sustenta”. E clama:

Senhor, quanta injustiça!
Aqui, a fome
Só a não teve a força e a preguiça
(TORGA, 1952).

Para os dois poetas, o identificar-se com a nação portuguesa, o assumir a sua portuguesidade, significa não se identificar com ela naquele longo momento de quase meio século. A identidade nacional, amparada sobre os dois pilares que são o passado comum e a cultura partilhada, é reafirmada de modo negativo. Para quem tem um passado como o português, parece ser inadmissível este presente. O poeta, pois, torna-se, nas palavras de Octavio Paz, “o fio condutor e transformador da corrente poética” (1982, p. 16) e a “voz do povo, língua dos escolhidos” (Idem, p. 15).

Referências

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Antologia*. Lisboa: Moraes, 1975.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1986.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna – da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

MATTOSO, José. *A identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 2001.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra: Coimbra, 1952.